TRAJETÓRIA ESCOLAR NO CAMPO: A ESCRITA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA E POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO

Autora: Marenice Oliveira da Costa
Coautora: profª. Drª. **Thaiane de Gois Domingues**
Universidade Estadual de Ponta Grossa – Mestrado Profissional
Eixo temático: Eixo 02 – Didática
E-mail: marenice21@hotmail.com

O presente relato de experiência tem como objetivo refletir sobre a escrita como prática pedagógica e possibilidade de transformação, a partir da trajetória escolar e profissional da autora. O trabalho evidencia como as experiências vivenciadas desde a infância, no contexto da educação do campo, influenciaram a constituição da identidade docente e passaram a orientar práticas pedagógicas fundamentadas na escuta, no acolhimento e na valorização das potencialidades dos estudantes. Trata-se de uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida por meio do relato de experiência, fundamentada nas contribuições de Minayo (2016), Larrosa (2002), Geraldi (1986), Freire (1996) e Vygotsky (1998). As reflexões articulam experiências da formação inicial da autora com sua atuação docente, destacando uma intervenção pedagógica realizada com uma estudante em situação de desmotivação escolar, cuja aproximação com a escrita favoreceu o fortalecimento da autoestima, do pertencimento e do protagonismo estudantil. Os resultados evidenciam que a escrita, quando compreendida para além de sua função avaliativa, constitui-se como espaço de expressão, comunicação, construção da identidade e formação humana. Conclui-se que as experiências vivenciadas pela autora foram ressignificadas na prática docente, demonstrando que a mediação pedagógica, o reconhecimento das potencialidades e a valorização da autoria podem contribuir significativamente para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Educação do campo. Escrita. Prática pedagógica. Relato de experiência.

1. Introdução

Conforme Geraldi (1986), a escrita escolar frequentemente perde sua função social quando é reduzida a práticas avaliativas desvinculadas de situações reais de comunicação. Nessa perspectiva, a escrita ocupa lugar central na formação humana por constituir-se como instrumento de expressão, comunicação, construção da identidade e participação social. No contexto escolar, entretanto, ela nem sempre é compreendida nessa perspectiva, sendo frequentemente reduzida a uma atividade mecânica, voltada à reprodução de conteúdo e à avaliação da aprendizagem. Quando isso ocorre, muitos estudantes deixam de reconhecer a escrita como possibilidade de autoria, pertencimento e expressão de suas próprias vivências.

Este relato de experiência nasce justamente dessa reflexão. A partir da reconstrução da trajetória escolar e profissional da autora, busca-se compreender como as experiências vivenciadas desde a infância, no contexto da educação do campo, influenciaram sua relação com a escrita e, posteriormente, sua constituição como docente. Ao revisitar esse percurso, evidencia-se que a ausência de reconhecimento das potencialidades durante a escolarização tornou-se elemento decisivo para a construção de uma prática pedagógica fundamentada na escuta, na mediação e na valorização da autoria dos estudantes.

Nesse sentido, o trabalho ultrapassa a narrativa autobiográfica ao estabelecer um diálogo entre experiências pessoais, prática docente e referenciais teóricos que compreendem a escrita como prática social e educativa. A experiência vivenciada pela autora passa a ser compreendida como elemento formativo que ressignifica sua atuação profissional, culminando em intervenções pedagógicas que reconhecem a escrita como possibilidade de transformação humana.

Assim, este relato tem como objetivo refletir sobre a escrita como prática pedagógica e possibilidade de transformação, articulando a trajetória escolar da autora às experiências desenvolvidas em sua atuação docente, evidenciando como a valorização da autoria, da mediação pedagógica e das interações sociais contribui para o fortalecimento da autonomia, do pertencimento e do protagonismo dos estudantes.

2. Fundamentação metodológica

O presente trabalho possui abordagem qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida por meio de um relato de experiência. Segundo Minayo (2016), essa abordagem busca compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências, considerando aspectos históricos, sociais, culturais e subjetivos que não podem ser reduzidos a dados numéricos. Nessa perspectiva, o relato de experiência possibilita

interpretar acontecimentos vivenciados no percurso formativo e profissional da autora, atribuindo-lhes novos sentidos a partir da reflexão crítica sobre a prática pedagógica.

O relato apresentado articula diferentes momentos da trajetória da autora, desde sua formação escolar no contexto da educação do campo até sua atuação como professora da educação básica. Embora envolva experiências distintas ao longo do tempo, todas se encontram vinculadas por um mesmo eixo de análise: a escrita como elemento constitutivo da identidade, da formação docente e da prática pedagógica. Assim, a experiência desenvolvida com uma estudante em situação de desmotivação escolar não constitui um relato independente, mas representa a continuidade de um processo iniciado ainda na infância da autora, quando a escrita passou a assumir significados que extrapolaram sua função escolar.

Nessa perspectiva, a experiência é compreendida para além da simples descrição de acontecimentos. Conforme Larrosa (2002)[1], experiência corresponde àquilo que acontece ao sujeito e o transforma, produzindo marcas que modificam sua forma de compreender o mundo, a si mesmo e suas relações com os outros. Para o autor, não se trata apenas do que acontece, mas do que verdadeiramente nos atravessa e produz aprendizagem, uma vez que a experiência não pode ser controlada nem totalmente prevista, pois resulta da maneira singular como cada sujeito atribui significado às vivências.

Essa compreensão aproxima-se da trajetória apresentada neste relato. Durante sua escolarização, a autora vivenciou situações em que suas potencialidades relacionadas à escrita não foram reconhecidas, apesar das manifestações iniciais de autoria e criatividade. A ausência de incentivo e de intervenções pedagógicas voltadas ao desenvolvimento dessa habilidade constituiu uma experiência significativa que permaneceu presente ao longo de sua formação. Posteriormente, já no ensino superior, o reconhecimento de sua produção escrita ressignificou essa vivência, fortalecendo sua identidade como autora e influenciando diretamente sua prática docente.

Assim, as experiências relatadas neste trabalho não são compreendidas apenas como acontecimentos isolados, mas como processos formativos que produziram mudanças na maneira de compreender o ensino, a aprendizagem e o papel da escrita na escola. Sob essa perspectiva, a prática pedagógica desenvolvida posteriormente com uma estudante em situação de desmotivação escolar representa a materialização desse percurso formativo, evidenciando como experiências pessoais podem transformar-se em saberes profissionais capazes de orientar intervenções pedagógicas fundamentadas na escuta, na mediação e na valorização da autoria dos estudantes.

---

[1] Texto originalmente apresentado como conferência no I Seminário Internacional de Educação de Campinas e posteriormente traduzido por João Wanderley Geraldi. Neste artigo, utiliza-se a versão publicada na Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2002.

3 A escrita na trajetória escolar da autora

A trajetória escolar da autora iniciou-se na 1ª série em uma escola multisseriada, municipal pública no estado de Minas Gerais, em 1992. Localizada no contexto da educação do campo, espaço marcado por características próprias que ultrapassavam os limites físicos da sala de aula. O deslocamento diário até a escola, realizado a pé, de bicicleta ou a cavalo, constituía parte da experiência educativa, possibilitando contato constante com a natureza, convivência comunitária e o desenvolvimento progressivo da autonomia. As relações estabelecidas nesse contexto eram pautadas pela cooperação, pela solidariedade e pelo compartilhamento de saberes, elementos que contribuíram significativamente para sua formação humana.

Ao mesmo tempo, a realidade do campo também era permeada por desafios estruturais e sociais. As dificuldades de acesso à escola durante períodos de chuva intensa, enchentes e limitações de infraestrutura faziam parte do cotidiano, exigindo constantes adaptações. Essas vivências contribuíram para compreender que o processo educativo extrapola os conteúdos escolares e é profundamente influenciado pelas condições sociais, culturais e territoriais em que os estudantes estão inseridos.

Essas experiências, embora desafiadoras, favoreceram o desenvolvimento da resiliência e fortaleceram valores relacionados à persistência, à responsabilidade e ao compromisso com a educação. O convívio em uma escola multisseriada favoreceu o desenvolvimento de relações mais próximas entre estudantes e professores, possibilitando compreender, ainda na infância, que os processos educativos ultrapassam a transmissão de conteúdos e são constituídos pelas relações humanas estabelecidas no cotidiano escolar.

No ambiente escolar, entretanto, algumas experiências marcaram profundamente sua trajetória formativa. Durante os anos iniciais da escolarização, características como timidez, comportamento reservado e disciplina eram frequentemente compreendidas como indicadores de bom desempenho escolar. Embora tais comportamentos fossem valorizados pelos professores, pouco contribuíam para estimular a expressão oral, a criatividade e a participação ativa dos estudantes. Assim, a autora passou grande parte da infância ocupando um lugar de invisibilidade pedagógica, no qual suas potencialidades raramente eram identificadas ou incentivadas.

Foi com 12 anos quando mudou de escola, saiu do campo para a cidade, que ocorreu seu primeiro contato significativo com a escrita autoral. Ainda na quinta série do ensino fundamental, motivada pela admiração por um professor de Matemática, produziu espontaneamente um poema como forma de expressar sentimentos de respeito e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelo docente. O professor, mesmo

apresentando dificuldades na fala, destacava-se pela sensibilidade, pela forma como conduzia suas aulas e pela capacidade de despertar o interesse dos estudantes, demonstrando que ensinar ultrapassa a simples transmissão de conteúdos.

Embora aquela produção escrita representasse uma importante manifestação de autoria, criatividade e sensibilidade, ela não foi percebida como potencialidade a ser desenvolvida. A ausência de incentivo, de devolutivas e de oportunidades para ampliar essa habilidade fez com que a escrita permanecesse durante muitos anos restrita ao espaço escolar, sem assumir um papel significativo em sua formação. Tal experiência evidencia uma realidade ainda presente em muitas escolas, na qual estudantes que apresentam determinadas habilidades permanecem invisíveis por não corresponderem aos perfis tradicionalmente reconhecidos como indicadores de destaque acadêmico.

Somente anos mais tarde, durante a formação no ensino superior, a escrita passou a ocupar um novo lugar em sua trajetória. Diferentemente das experiências anteriores, sua produção textual passou a ser valorizada por professores que reconheceram sua capacidade de autoria e incentivaram a continuidade das produções acadêmicas e literárias. Esse reconhecimento modificou significativamente sua relação com a escrita, que deixou de representar apenas uma atividade escolar para constituir-se como espaço de expressão, construção da identidade e produção de conhecimento.

A produção de poemas e, posteriormente, de um livro autoral representou a consolidação desse processo de ressignificação. Mais do que o reconhecimento da produção escrita, essas experiências possibilitaram compreender que escrever significa produzir sentidos sobre a própria existência, compartilhar experiências e estabelecer diálogo com outras pessoas. A escrita deixou de ser apenas um instrumento de avaliação para transformar-se em elemento constitutivo da identidade pessoal e profissional da autora.

Ao revisitar essa trajetória, torna-se possível compreender que as experiências de invisibilidade vivenciadas durante a escolarização influenciaram profundamente sua maneira de compreender o papel do professor. A ausência de reconhecimento das potencialidades relacionadas à escrita transformou-se, posteriormente, em motivação para desenvolver uma prática pedagógica comprometida com a escuta, com o incentivo à autoria e com a valorização das singularidades de cada estudante. Dessa forma, as vivências da infância deixaram de representar apenas lembranças escolares para constituírem saberes que passaram a orientar sua atuação docente.

4 Da experiência pessoal à prática pedagógica: a escrita como possibilidade de transformação

As experiências vivenciadas durante a trajetória escolar não permaneceram restritas às lembranças da infância. Ao longo da formação acadêmica e da atuação profissional, passaram a constituir referenciais para a construção da identidade docente, influenciando a forma de compreender o ensino, a aprendizagem e, principalmente, o papel da escrita na escola. A ausência de reconhecimento das potencialidades vivenciada durante a escolarização despertou a necessidade de desenvolver uma prática pedagógica capaz de identificar habilidades, acolher singularidades e oferecer aos estudantes oportunidades de expressão que a própria autora não encontrou em seu percurso formativo.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Geraldi (1986), ao afirmar que a escrita escolar frequentemente perde sua função social quando passa a ser utilizada apenas como instrumento de avaliação. Segundo o autor, muitas práticas pedagógicas simulam situações artificiais de produção textual, nas quais o estudante escreve exclusivamente para atender às expectativas do professor, preocupando-se mais com a correção do que com a comunicação de suas ideias. Nessa perspectiva, a escrita deixa de representar um espaço de diálogo e autoria para transformar-se em uma atividade mecânica, descontextualizada e pouco significativa.

Esse pensamento permite compreender parte da experiência vivenciada pela autora durante sua formação escolar. Embora tenha demonstrado interesse pela escrita desde os anos iniciais, suas produções não foram reconhecidas como possibilidades de desenvolvimento da autoria. A escrita permaneceu associada ao cumprimento de atividades escolares, sem oportunidades para que assumisse sua função de expressão, criação e comunicação. Somente anos mais tarde, ao receber incentivo para produzir textos e divulgar suas produções literárias, foi possível compreender que escrever significa muito mais do que atender às exigências da escola: representa uma forma de organizar pensamentos, produzir sentidos sobre a própria existência e estabelecer relações com o outro.

Essa mudança de compreensão repercutiu diretamente na prática docente. A escrita passou a ocupar lugar central nas intervenções pedagógicas desenvolvidas pela autora, não apenas como conteúdo curricular, mas como possibilidade de fortalecer a autoestima, ampliar o protagonismo estudantil e favorecer processos de pertencimento. Mais do que ensinar regras gramaticais ou estruturas textuais, tornou-se necessário criar situações em que os estudantes encontrassem sentido naquilo que escreviam, reconhecendo-se como autores de suas próprias histórias.

Foi nesse contexto que uma experiência vivenciada com uma estudante dos anos iniciais do Ensino Fundamental evidenciou, de maneira concreta, a importância dessa perspectiva pedagógica. Uma estudante matriculada no 5º ano do Ensino Fundamental I na Rede Pública do Distrito Federal, com aproximadamente onze anos de idade, no ano de 2023. Percebia que logo no primeiro semestre do ano a estudante encontrava-se profundamente desmotivada em relação às atividades escolares, apresentando baixa autoestima, insegurança e pouco envolvimento com as propostas de escrita desenvolvidas em sala de aula. Sua postura revelava não apenas dificuldades relacionadas ao desempenho escolar, mas também a ausência de confiança em suas próprias capacidades.

Ao observar seu comportamento, a autora reconheceu características semelhantes às experiências anteriormente vivenciadas em sua própria trajetória escolar. Assim como ocorrera consigo, a estudante parecia carregar sentimentos de invisibilidade, acreditando não possuir competências suficientes para participar das atividades propostas. Essa percepção conduziu à elaboração de uma intervenção pedagógica fundamentada na escuta, no diálogo e na valorização de suas potencialidades, priorizando inicialmente o fortalecimento da confiança e do vínculo pedagógico.

Como estratégia de aproximação, a autora apresentou à estudante seu próprio livro, compartilhando parte de sua trajetória como escritora. A escolha por iniciar o trabalho apresentando sua própria trajetória decorreu da compreensão de que estudantes também necessitam reconhecer possibilidades reais de sucesso em pessoas próximas de sua realidade. O objetivo não era demonstrar um resultado pronto, mas evidenciar que a escrita constitui um processo acessível, construído ao longo da vida por meio de experiências, incentivo e persistência. Ao perceber que sua professora também havia iniciado esse percurso ainda na escola, a estudante passou a demonstrar maior interesse pelas atividades de produção textual, estabelecendo uma relação diferente com a escrita.

Gradativamente, foi incentivada a produzir um relato sobre acontecimentos de sua própria vida. Durante esse processo, a mediação docente ocorreu por meio de conversas, questionamentos, reorganização das ideias e incentivo permanente, respeitando seu ritmo de aprendizagem e suas possibilidades de expressão. A preocupação principal deixou de ser a correção imediata do texto para concentrar-se na construção de significado, na valorização da autoria e na confiança da estudante em sua capacidade de escrever.

A culminância desse processo ocorreu quando a estudante apresentou sua produção escrita no ambiente escolar. O reconhecimento recebido por colegas e professores, materializado nos aplausos e nas manifestações de valorização, representou um momento significativo de fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento. Mais do que concluir uma atividade escolar, a estudante experimentou a

possibilidade de ser reconhecida por sua voz, por sua história e por sua capacidade de comunicar-se por meio da escrita.

Essa experiência reafirmou que a escrita pode constituir-se como prática pedagógica capaz de transformar trajetórias quando compreendida em sua dimensão humana, social e formativa. Ao oferecer espaços de escuta, diálogo e autoria, o professor contribui para que os estudantes deixem de ocupar posições de invisibilidade e passem a reconhecer-se como sujeitos capazes de produzir conhecimentos, compartilhar experiências e participar ativamente da construção de sua própria aprendizagem.

5 Discussão: a escrita como experiência, autoria e transformação

As experiências apresentadas neste relato permitem compreender que a escrita ultrapassa sua dimensão técnica e escolar, constituindo-se como prática social, formativa e humanizadora. Ao revisitar sua própria trajetória e refletir sobre sua atuação docente, a autora evidencia que a escrita passou a assumir diferentes significados ao longo da vida, deixando de representar apenas uma atividade escolar para transformar-se em instrumento de expressão, construção da identidade e mediação pedagógica.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Larrosa (2002), para quem experiência não corresponde simplesmente aos acontecimentos vividos, mas àquilo que efetivamente transforma o sujeito. Segundo o autor, a experiência produz marcas, modifica a maneira de compreender o mundo e interfere na constituição da identidade. Sob essa perspectiva, a ausência de reconhecimento das potencialidades relacionadas à escrita durante a escolarização da autora deixou de representar apenas uma lembrança da infância para tornar-se um saber construído ao longo da vida, influenciando diretamente sua forma de compreender o papel do professor e sua atuação na escola.

A experiência vivenciada com a estudante também pode ser compreendida nessa perspectiva. O processo desenvolvido não se limitou à produção de um texto, mas constituiu uma oportunidade para que ela reconhecesse sua própria capacidade de expressão, ressignificasse sua relação com a aprendizagem e experimentasse o sentimento de pertencimento por meio da valorização de sua autoria. Assim como ocorreu na trajetória da autora, a escrita deixou de ser apenas uma tarefa escolar para assumir significado pessoal e formativo.

As reflexões de Geraldi (1986) também dialogam diretamente com a experiência apresentada. O autor critica práticas escolares em que a escrita é reduzida ao cumprimento de atividades avaliativas, desvinculadas de situações reais de comunicação. Nesses contextos, o estudante escreve para atender às expectativas do professor e não para comunicar ideias, sentimentos ou experiências. Consequentemente, a produção textual

pode tornar-se um momento de insegurança, tensão e bloqueio, especialmente para aqueles que não encontram espaço para desenvolver sua autoria.

A prática pedagógica desenvolvida pela autora buscou romper com essa lógica. Ao incentivar a estudante a escrever sobre sua própria história, respeitando seu tempo, acolhendo suas dificuldades e valorizando suas produções, a escrita passou a cumprir sua função social de comunicação, expressão e construção de sentidos. O foco deixou de estar na correção imediata do texto para concentrar-se no desenvolvimento da confiança, da autoria e da participação ativa da estudante no processo educativo.

Essa perspectiva aproxima-se igualmente das contribuições de Paulo Freire (1996), ao compreender que ensinar não significa transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua construção. Durante toda a intervenção pedagógica, o diálogo, a escuta e o respeito às vivências da estudante constituíram elementos centrais da prática docente. Em vez de impor modelos prontos de escrita, a autora favoreceu condições para que a estudante produzisse um texto que expressasse sua própria história, reconhecendo seus saberes e sua capacidade de participar ativamente do processo de aprendizagem.

Ao mesmo tempo, a experiência evidencia importantes aproximações com Vygotsky (1998), especialmente no que se refere ao papel da mediação pedagógica. A evolução observada na produção escrita da estudante não ocorreu de forma espontânea, mas foi construída por meio de intervenções intencionais realizadas pela professora. Durante todo o processo, a docente promoveu conversas, formulou questionamentos, auxiliou na organização das ideias e ofereceu suporte para que a estudante avançasse gradativamente na elaboração do texto. Nesse sentido, a aprendizagem foi construída nas interações sociais estabelecidas entre professora e estudante, confirmando a importância da mediação para o desenvolvimento de novas aprendizagens.

As experiências relatadas também permitem compreender que práticas pedagógicas fundamentadas na valorização da autoria contribuem para o fortalecimento da autoestima, do pertencimento e do protagonismo estudantil. Quando o estudante percebe que sua história possui valor, que suas ideias merecem ser compartilhadas e que sua escrita produz sentidos para outras pessoas, amplia-se não apenas sua participação nas atividades escolares, mas também sua confiança em suas próprias capacidades.

Para Soares (2000), a linguagem constitui uma prática social e a escola deve possibilitar que todos os estudantes ampliem sua participação cultural por meio da apropriação da linguagem escrita, sem negar ou inferiorizar os saberes e as formas de expressão construídos em seus contextos sociais. Dessa forma, a escrita deixa de constituir-se apenas como conteúdo curricular e passa a ocupar lugar central na formação humana. Ao possibilitar que estudantes expressem suas vivências, organizem seus pensamentos e compartilhem suas experiências, a escola amplia suas possibilidades de

atuação, contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade. Nessa perspectiva, a escrita deixa de ser compreendida apenas como habilidade linguística para assumir sua dimensão social, permitindo que os sujeitos produzam sentidos, participem das práticas culturais e fortaleçam sua inserção no mundo letrado.

Em conjunto, os referenciais de Larrosa (2002), Geraldi (1986), Freire (1996), Vygotsky (1998) e Soares (2000) permitem compreender que a escrita ultrapassa sua dimensão técnica, constituindo-se como experiência formativa, prática social e possibilidade de transformação humana. Sob diferentes perspectivas, esses autores convergem ao reconhecer que a aprendizagem ocorre por meio das interações, da valorização dos sujeitos e da atribuição de sentidos às experiências vividas.

6 Conclusões

A reconstrução da trajetória apresentada neste relato permitiu compreender que a escrita assumiu diferentes significados ao longo da formação da autora, deixando de representar apenas uma atividade escolar para constituir-se como elemento central na construção de sua identidade pessoal, acadêmica e profissional. As experiências vivenciadas desde a educação do campo, marcadas tanto por oportunidades quanto por situações de invisibilidade pedagógica, foram ressignificadas ao longo do percurso formativo, tornando-se importantes referências para a constituição de sua prática docente.

Ao revisitar essas experiências, foi possível reconhecer que a ausência de incentivo à escrita durante parte da escolarização influenciou diretamente a forma como a autora passou a compreender o papel do professor. Em vez de reproduzir práticas centradas exclusivamente na avaliação da produção textual, sua atuação profissional passou a privilegiar o diálogo, a escuta, a mediação pedagógica e a valorização da autoria dos estudantes, compreendendo a escrita como espaço de expressão, pertencimento e construção de sentidos.

A experiência desenvolvida com a estudante apresentada neste relato evidenciou que práticas pedagógicas fundamentadas no reconhecimento das potencialidades individuais podem produzir mudanças significativas na relação dos estudantes com a aprendizagem. Ao encontrar um ambiente acolhedor, em que sua história foi valorizada e sua escrita reconhecida, a estudante fortaleceu sua autoestima, ampliou sua participação nas atividades escolares e passou a perceber-se como sujeito capaz de produzir conhecimentos e comunicar suas experiências.

As reflexões construídas ao longo deste trabalho demonstram que a escrita ultrapassa sua dimensão técnica e curricular. Quando compreendida como prática social, constitui uma poderosa ferramenta de formação humana, favorecendo o desenvolvimento

da autonomia, da criatividade, do protagonismo e do sentimento de pertencimento. Nessa perspectiva, escrever deixa de significar apenas aprender a organizar palavras para tornar-se possibilidade de construir identidades, estabelecer diálogos e atribuir novos sentidos às experiências vividas.

Conclui-se, portanto, que as experiências pessoais da autora e sua prática docente não representam relatos independentes, mas momentos de um mesmo processo formativo. A escrita constituiu o elo entre essas experiências, transformando vivências da infância em saberes profissionais capazes de orientar intervenções pedagógicas comprometidas com a valorização da autoria, da escuta sensível e do desenvolvimento integral dos estudantes. Assim, reafirma-se que práticas pedagógicas que reconhecem a escrita como instrumento de expressão, comunicação e transformação humana contribuem para uma educação mais inclusiva, significativa e emancipadora.

7. Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Prática da produção de textos na escola**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, n. 7, p. 23-29, 1986.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000. 96 p.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.